



2018

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

A orientação para o futuro de adultos emergentes portugueses: O papel do *stress* económico e de variáveis sociodemográficas

Mariana Oliveira Sousa (e-mail: marianasousa2230@gmail.com)

Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subárea de especialização em Psicoterapia Sistémica e Familiar, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Sotero

UC/FPCE

A orientação para o futuro de adultos emergentes portugueses: O papel do *stress* económico e de variáveis sociodemográficas

Resumo: O atual contexto macroeconómico português tem-se revelado particularmente desfavorável para a população jovem. Tendo em conta que a adultez emergente é uma etapa do desenvolvimento marcada por um grande número de transições e pelos principais processos de exploração da identidade, torna-se relevante perceber como os jovens portugueses antecipam o seu futuro num cenário de incerteza e instabilidade macroeconómica. Deste modo, o presente estudo teve como principal objetivo investigar a orientação para o futuro (i.e., a representação subjetiva dos indivíduos sobre o seu futuro) de adultos emergentes portugueses. Pretendeu-se também analisar o efeito das variáveis sociodemográficas – sexo, idade, estatuto ocupacional, e nível socioeconómico da família (NSE) – na densidade da orientação para o futuro, bem como analisar a relação entre a orientação para o futuro e o *stress* económico reportado pelos jovens. Para tal, foi administrado um protocolo de investigação a 350 sujeitos, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos (70.3% do sexo feminino; $M_{idade} = 22.4$; $DP = 2.6$), que incluía a versão portuguesa do *Hopes and Fears Questionnaire* (Fonseca et al., 2018), um questionário de resposta aberta para a avaliação da orientação para o futuro, recentemente validado em Portugal. Os resultados demonstraram que a educação, o trabalho/carreira, e a família/casamento constituíram os principais domínios da orientação para o futuro reportados pelos participantes. Adicionalmente, verificou-se que indivíduos mais jovens (i.e., com idade inferior a 25 anos), não empregados e de NSE alto reportaram mais expectativas/receios relacionados com a educação, enquanto que indivíduos mais velhos, já empregados, e de NSE médio ou baixo mencionaram mais expectativas/receios relativos à propriedade, recursos financeiros, e família/casamento. Por último, verificou-se que o *stress* económico se associou a um maior número de expectativas/receios relacionados com as categorias relacionamento com a família, e recursos financeiros, além de um maior número de receios relativos ao lazer/viagens, e autonomia e estabilidade. Em suma, este estudo pretendeu dar um contributo adicional para a compreensão da orientação para o futuro na adultez emergente em Portugal, visando simultaneamente abrir caminho para a investigação sobre a influência do *stress* económico nas perspectivas dos jovens sobre as suas vidas futuras.

Palavras-chave: orientação para o futuro, adultez emergente, *Hopes and Fears Questionnaire*, *stress* económico.

Future orientation of Portuguese emerging adults: The role of economic strain and sociodemographic variables

Abstract: Currently, the Portuguese macroeconomic context has been particularly unfavorable for young people. Considering that emerging adulthood is a stage of development characterized by a large number of transitions and by the main processes of identity exploration, it is of utmost importance to understand how Portuguese youth anticipate their future in a scenario of macroeconomic uncertainty and instability. Therefore, the main goal of the present study was to evaluate the future orientation (i.e., the subjective representation of the individuals regarding their future) of Portuguese emerging adults. Additionally, this study intended to analyze the effect of sociodemographic variables – sex, age, occupational status, and socioeconomic status (SES) – in the density of the future orientation, as well as to examine the links between future orientation and economic strain as reported by emerging adults. To achieve these aims, 350 participants, aged from 18 to 30 (70.3% females; $M_{\text{age}} = 22.4$; $SD = 2.6$), answered to an assessment protocol, which included the Portuguese version of the Hopes and Fears Questionnaire (Fonseca et al., 2018), an open-ended questionnaire for the assessment of future orientation, recently validated in Portugal. The results demonstrated that education, work/career, and family/marriage constituted the main domains of participants' future orientation. Moreover, younger individuals (i.e., under 25 years of age), non-working, and with a higher SES reported more hopes/fears related to education, whilst older individuals, employed, and with a medium or low SES mentioned more hopes/fears regarding property, financial resources, and family/marriage. Lastly, it was found that economic strain was associated with a large number of hopes/fears concerning relationships with family, and financial resources, along with a larger number of fears related to leisure/travel, and autonomy and stability. In conclusion, this study intended to provide an additional contribute to the understanding of future orientation in emerging adulthood in Portugal, also aiming to lead the way to the investigation about the influence of economic strain in the views of young people about their future lives.

Key Words: future orientation, emerging adulthood, Hopes and Fears Questionnaire, economic strain.

Agradecimentos

Naquela que foi, sem dúvida, a viagem mais desafiante de todo o percurso académico, não podia deixar de expressar a minha gratidão às pessoas que me ajudaram a “voar” mais além. Deste modo, agradeço:

À Professora Doutora Ana Paula Relvas, por toda a sabedoria nos ensinamentos partilhados, por ensinar esta área com amor, pela inspiração!

À Professora Doutora Luciana Sotero e à Dr^a Gabriela Fonseca, pela exímia orientação, disponibilidade e partilha. Agradeço, de coração, a oportunidade de evolução, crescimento e co-construção! Para sempre ficará o meu agradecimento e admiração.

Aos meus pais, a minha base segura, a minha principal força! Foi o vosso esforço, amor e dedicação que me guiou até aqui. Com vocês aprendi que em momentos difíceis é essencial não desistir e, assim, “voar” outra vez! Agradeço-vos por tudo aquilo que sou hoje! Esta conquista também é vossa!

À minha irmã, por ser a minha “asa” direita! Obrigada pelos abraços de amor!

Aos meus avós e padrinho, pelo constante apoio e carinho, por tudo! Sou o espelho de uma infância feliz!

À minha madrinha, por me ensinar que a diferença pode ser uma força!

Ao Tiago, por preencher o meu coração! Obrigada pela pessoa especial que és!

À Flávia, amiga açoreana, primeira amizade em Coimbra, colega de casa e, agora, irmã! Fomos a força e o apoio uma da outra!

À minha amiga Amélia, por ter colorido os meus dias mais cinzentos! Este caminho não teria sido o mesmo sem ti!

À Vitória e ao João, pela sincera e “melodiosa” amizade!

À Anabela e ao Ricardo, pelos desabafos, gargalhadas e lealdade! Com vocês não estarei só!

À Mariana, pelo importante apoio nesta última etapa! Irei recordar, com carinho, todos os momentos vividos!

A todos os meus familiares e amigos pela motivação, apoio e afeto!

A Coimbra, por esta inesquecível experiência!

Aos que participaram nesta investigação, pela colaboração e disponibilidade.

A todos, o meu sincero obrigada!

Índice

Introdução.....	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1 Adultez emergente.....	2
1.1.1 Ser adulto emergente em Portugal na atualidade.....	4
1.2 <i>Stress</i> económico.....	5
1.3 Orientação para o futuro.....	7
1.4 Orientação para o futuro em contextos de incerteza macroeconómica.....	10
II – Objetivos.....	11
III – Metodologia.....	13
3.1 Caracterização da amostra.....	13
3.2 Procedimentos de seleção e recolha da amostra.....	15
3.3 Instrumentos.....	16
3.3.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares.....	16
3.3.2 Questionário de Dificuldades Económicas (Conger & Elder, 1994; versão portuguesa de Francisco & Pedro, em preparação)	16
3.3.3 <i>Hopes and Fears Questionnaire</i> (Nurmi et al., 1990; versão portuguesa de Fonseca et al., 2018).....	17
3.4 Análise de dados.....	18
IV – Resultados.....	19
4.1 Quais são as expectativas e os receios dos adultos emergentes? Quando esperam realizá-los?.....	19
4.2 Influência das variáveis sexo, idade, estatuto ocupacional, e NSE na orientação para o futuro.....	22
4.3 Relação entre o <i>stress</i> económico e as expectativas e receios em relação ao futuro.....	24
V – Discussão.....	25
5.1 Saliência dos domínios de vida nas expectativas e nos receios dos jovens portugueses.....	25
5.2 Extensão temporal da orientação para o futuro.....	27
5.3 A influência das variáveis sexo, idade, estatuto ocupacional, e NSE na densidade da orientação para o futuro.....	28
5.4 Relação entre o <i>stress</i> económico e a orientação para o futuro	31
5.5 Limitações e estudos futuros.....	32
VI – Conclusão.....	33
Bibliografia.....	34

Introdução

Perspetivar o futuro é um processo humano comum que ocupa uma posição proeminente na vida dos indivíduos (Seginer, 2009). No caso dos adultos emergentes, o processo em questão assume particular relevância, já que estes são confrontados com um maior número de decisões e transições comparativamente a outras etapas do desenvolvimento (Caspi, 2002). De forma importante, a literatura sugere que o contexto socioeconómico tende a moldar a visão dos indivíduos sobre o futuro (Nurmi, 1991; Trommsdorff, Burger, & Fücher, 1982; Trommsdorff, 1994).

A crise económica que teve início em 2008 criou contingências desfavoráveis para a população jovem (Ribeiro, Frade, Coelho, & Ferreira-Valente, 2015). Em Portugal, dados recentes indicam que a crise afetou essencialmente indivíduos entre os 18 e os 30 anos de idade (Jornal Sol, 2016), faixa etária que corresponde à etapa desenvolvimental designada de adultez emergente (Arnett, 2014). Adicionalmente, um estudo do Eurobarómetro indica que 81% dos jovens portugueses se sentem marginalizados devido à crise económica e, pelo mesmo motivo, 41% sentem-se forçados a emigrar (Nancy, 2016). Além disso, de acordo com dados do Eurostat (2016), 41% dos jovens portugueses afirmam que a sua situação financeira os compeliu a permanecer em casa dos seus pais.

Face ao supracitado, é expectável que os adultos emergentes portugueses estabeleçam perceções do seu contexto económico que podem ter um impacto negativo na forma como perspetivam o seu futuro. As investigações que cruzam o *stress* económico e a orientação para o futuro são escassas, bem como os estudos que abordam estes construtos na adultez emergente, sendo, portanto, extremamente relevante colmatar esta lacuna. Este estudo pretende investigar a orientação para o futuro na adultez emergente, explorando também a sua relação com variáveis sociodemográficas e com o *stress* económico reportado por uma amostra de adultos emergentes portugueses.

I – Enquadramento conceptual

1.1 Adulter emergente

As regras que regem a transição para a idade adulta variam de sociedade para sociedade (Hogan & Astone, 1986), ao longo do tempo e em função de mudanças culturais (Arnett, Žukauskiene, & Sugimura, 2014). A partir da segunda metade do século XX, nos países industrializados, ocorreram mudanças consideráveis (e.g., aumento da idade média do primeiro casamento e do nascimento do primeiro filho, maior investimento na educação, aumento das taxas de desemprego), que conduziram a transições para a vida adulta mais complexas, heterogêneas, e prolongadas (Aassve, Davia, & Mazzuco, 2007).

Neste enquadramento, Arnett (2000) propôs uma nova etapa do desenvolvimento humano: a *adulter emergente*. Esta etapa corresponde a um período, inicialmente compreendido entre os 18 e os 25 anos, e posteriormente alargado até aos 29 anos de idade, no qual o indivíduo já não é adolescente, porém, não possui características normativas da idade adulta (Arnett et al., 2014).

A partir da realização de entrevistas a 300 indivíduos entre os 18 e os 29 anos nos EUA, Arnett (2000) propôs cinco características inerentes ao conceito de *adulter emergente*: a exploração da identidade, instabilidade, auto-centração, “*feeling in-between*”, e possibilidades e otimismo. (1) A exploração da identidade traduz a oportunidade para explorar diferentes possibilidades de vida (e.g., amor, trabalho), pelo que nesta fase os indivíduos esclarecem o que pretendem para as suas vidas, estruturando as suas decisões futuras (Arnett, 2006). (2) A *adulter emergente* é considerada a etapa do ciclo vital mais instável (Arnett et al., 2014). Tal decorre da possível diversidade de experiências amorosas e das possíveis mudanças de decisão nos restantes domínios (e.g., área de estudos, trabalho), para além das mudanças de residência que habitualmente ocorrem nesta fase (e.g., ida para a universidade) (Arnett, 2006). (3) A auto-centração está relacionada com a existência de poucas responsabilidades e compromissos neste período, assim como com o menor controlo por parte de figuras familiares (e.g., os pais) e instituições (e.g., escola). Tal proporciona aos adultos emergentes, autonomia na gestão das suas vidas, favorecendo a tomada de decisões mais autónomas. (4) A característica “*feeling in-between*” está relacionada com o sentimento de estar

parcialmente na adolescência e parcialmente na idade adulta. A este respeito, um estudo levado a cabo por Arnett (2000) mostrou que quando confrontados com a questão “*considera que já atingiu a idade adulta?*” as respostas dos indivíduos nesta fase variaram entre o “*sim*”, “*não*”, e “*em alguns aspetos sim, em alguns aspetos não*”, sendo que 60% dos participantes assinalaram esta última opção. Em Portugal, um estudo realizado com estudantes universitários (Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009) verificou que 47% dos participantes responderam de forma ambivalente à mesma questão. (5) Por último, a adultez emergente é considerada uma etapa de possibilidades e otimismo, um momento de oportunidades, onde os indivíduos têm a possibilidade de transformarem as suas vidas para melhor, englobando também uma componente de esperança. A este respeito, um estudo com jovens norte-americanos, com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, verificou que cerca de 96% dos participantes concordaram com a afirmação “*tenho total certeza que algum dia chegarei onde quero na vida*” (Hornblower, 1997).

Para justificar a pertinência da adultez emergente como um período desenvolvimental distinto, Arnett (2000) baseia-se essencialmente em três aspetos específicos: demográficos, identitários e subjetivos. O primeiro aspeto prende-se com a imensa variabilidade demográfica (e.g., diferentes configurações de coabitação), que não se verifica antes dos 18 anos de idade e tende a desaparecer depois dos 30 anos. Para além disso, durante a adultez emergente há uma intensificação das explorações identitárias que se iniciaram na adolescência, mas que se realizam nesta etapa de forma mais consciente. Por último, esta etapa do desenvolvimento justifica-se pela perceção subjetiva da adultez (Arnett, 2000). Como já foi referido, a adultez emergente é entendida como uma fase de ambivalência, na qual muitos indivíduos não se sentem adolescentes nem adultos.

Importa aludir que a relevância atribuída pelos jovens aos marcadores clássicos da idade adulta (i.e., finalização dos estudos, saída da casa dos pais, trabalho estável, relação estável que inclua coabitação, casamento e o nascimento do primeiro filho) é hoje menor (Arnett, 2006). Atualmente, são tidos em consideração “novos” marcadores da adultez, mais subjetivos e individualistas (Arnett et al., 2014). Arnett (1997) realizou um estudo que tinha como finalidade identificar como os jovens norte-americanos conceptualizavam a transição para a idade adulta. Os três principais

marcadores subjetivos da adultez identificados foram: a adoção de responsabilidades; a capacidade para tomar decisões de forma autónoma; e a independência financeira. De facto, nos dias de hoje, a adoção de responsabilidades tende a ser assumida mais tardiamente, e regista-se nos adultos emergentes uma elevada dependência económica em relação aos pais ou pessoas significativas (Andrade, 2010).

O estudo português de Mendonça et al. (2009) apresentou resultados que vão ao encontro de estudos internacionais (Arnett, 2001; Facio & Micocci, 2003; Mayselless & Scharf, 2003), ao concluir que os principais marcadores necessários para a adultez são, de acordo com os participantes: “*ser responsável pelos seus atos*” (96%); “*decidir de acordo com as suas crenças e valores independentemente da influência de pais ou outros*” (90%); e “*tornar-se menos centrado sobre si próprio*” (81%). Para além disso, o item “*ser financeiramente independente dos pais*” obteve uma percentagem de concordância de 70%. De salientar, que os itens associados à escala da independência financeira foram identificados como mais relevantes por jovens que não se percebem completamente como adultos. Por outro lado, os itens correspondentes às transições normativas foram assinalados com menor frequência: “*ter um filho*” (8%); “*quando um homem se torna biologicamente capaz de ter um filho*” (4%); e “*quando uma mulher se torna biologicamente capaz de ter um filho*” (11%).

1.1.1 Ser adulto emergente em Portugal na atualidade

Naturalmente, o processo de transição para a idade adulta não acontece num *vacuum*, estando enquadrado num contexto económico, social, e cultural. Portugal foi um dos países mais afetados pela crise económica que teve início em 2008 (Ribeiro et al., 2015). Alguns autores (e.g., Greenleaf, 2014; Ribeiro et al., 2015; Stein et al., 2011) têm alertado que os efeitos da crise económica são mais suscetíveis de afetar a população jovem, que enfrenta desafios acrescidos como encontrar emprego no atual mercado de trabalho. Consequentemente, os adultos emergentes vêm dificultadas algumas das tarefas desenvolvimentais que marcam este período (Greenleaf, 2014). Por exemplo, a aquisição de independência financeira (tarefa desenvolvimental chave nesta etapa) (Arnett, 2000) e o processo de transição da educação para

o trabalho (Buchmann & Kriesi, 2011) tornam-se cada vez mais difíceis face ao panorama macroeconómico vigente. Assim, à instabilidade normativa desta fase (referida no tópico anterior), junta-se uma instabilidade involuntária (i.e., os indivíduos já não mudam de emprego por vontade própria, mas possivelmente devido a constrangimentos que não controlam) (Arnett et al., 2014).

Deste modo, em resultado de uma independência financeira cada vez mais difícil de atingir e de mercados de trabalho instáveis, os adultos emergentes tendem a adiar a formação familiar (i.e., casamento e parentalidade) (Oinonem, 2004), prolongando o período de tempo de coabitação com os seus pais (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). Em seguida, são apresentados alguns dados que reforçam estas conclusões. Em Portugal a taxa de desemprego (dos 15 aos 74 anos), foi de 8.9% em 2017 (INE, 2017a). Sendo a proporção de desempregados à procura de emprego há 12 e mais meses (longa duração) de 57.5% (INE, 2017a). Relativamente ao desemprego jovem (dos 15 aos 24 anos), a percentagem foi superior à da população geral, alcançando os 23.9% (INE, 2017a). Por outro lado, dados de 2016 indicam que a idade média do primeiro casamento em Portugal foi, no caso dos homens, igual a 32.8 anos e, no caso das mulheres, igual a 31.3 anos, o que representa um aumento médio de 6.85 anos relativamente a 1999 (INE, 2016). No mesmo ano, a idade média das mulheres aquando do nascimento do primeiro filho foi de 30.3 anos (INE, 2016). Para além disso, em 2015, a idade média da saída de casa dos pais foi nas mulheres aos 28 anos, e nos homens aos 30 (Diário de Notícias, 2015).

1.2 Stress económico

Voydanoff (1990) introduziu o conceito de *distress* económico para se referir a determinados aspetos da vida económica que são potenciais *stressores* para os indivíduos e para as suas famílias. A mesma autora argumentou que o *distress* económico engloba quatro dimensões: instabilidade no emprego, incerteza no emprego, privação económica, e *stress* económico. Deste modo, o *distress* económico é um constructo multidimensional, que envolve dimensões objetivas e subjetivas. A instabilidade do emprego e a privação económica são considerados aspetos

objetivos, analisados pelos padrões de emprego e pelas flutuações no rendimento ao longo do tempo, respetivamente. Por outro lado, os aspetos subjetivos relacionam-se com a incerteza no emprego e com o *stress* económico. De acordo com esta autora, o *stress* económico diz respeito a uma avaliação subjetiva da situação financeira, que pode incluir a perceção de recursos financeiros (adequados ou não), as preocupações financeiras, e as expectativas em relação à situação económica futura (Voydanoff, 1990).

Assumindo que determinados aspetos da vida económica podem ameaçar o bem-estar individual e familiar (Voydanoff, 1990), compreende-se que viver num contexto macroeconómico incerto e/ou desfavorável pode constituir-se um verdadeiro *stressor* para indivíduos e famílias. Assim, durante períodos de recessão económica, é expectável que as famílias e os indivíduos possam experienciar alguns níveis de *stress* económico. De forma importante, Leininger e Kalil (2014) referem que grande parte do *stress* económico não resulta diretamente de choques económicos, mas sim da preocupação e da incerteza sobre o futuro num contexto macroeconómico desfavorável.

Uma revisão da literatura (Frasquilho et al., 2016) constatou que a recessão económica que se iniciou em 2008, o consequente desemprego, a perda de rendimentos e o aumento das dívidas, tende a afetar negativamente a saúde mental dos indivíduos (e.g., maior prevalência de problemas do foro psicológico, diminuição do bem-estar da população). Alguns estudos indicam que uma situação financeira desfavorável se associa a um baixo nível de satisfação com a vida ou bem-estar subjetivo (Diener & Biswas-Diener, 2002; Jorgensen, Jamieson, & Martin, 2010). Adicionalmente, a literatura indica que os desafios impostos por um cenário macroeconómico desfavorável tendem a afetar negativamente o bem-estar da população jovem, diminuindo a sua confiança em relação ao futuro (Conger, Conger, Matthews, & Elder, 1999). Um estudo realizado na Argentina (Bendit & Miranda, 2015) verificou que o nível socioeconómico é determinante nas escolhas dos jovens em contexto de crise económica. Deste modo, jovens que pertencem a níveis socioeconómicos médios ou baixos tendem a definir trajetórias mais adaptativas (e.g., optar por trabalhar e deixar de estudar), enquanto que jovens que pertencem a níveis socioeconómicos altos tendem a definir trajetórias

em função dos seus interesses pessoais.

No que concerne ao nível familiar, segundo a revisão sistemática de Fonseca, Cunha, Crespo, e Relvas (2016), o *distress* económico tem um impacto negativo nas dinâmicas familiares, nomeadamente nas relações conjugais e na parentalidade. A mesma revisão constatou que os estudos que abordam o impacto das crises macroeconómicas nas famílias com adultos emergentes são extremamente escassos. A este respeito, o único estudo identificado foi realizado por Stein et al. (2011) nos EUA, que sugere que nas famílias com adultos emergentes se verificam duas tendências do impacto da crise económica: as preocupações dos pais sobre as escolhas de carreira dos filhos representaram o principal motivo da sintomatologia ansiosa e humor deprimido reportados por estes; enquanto que, nos adultos emergentes, a pressão económica surge positivamente relacionada com a sua ansiedade e humor deprimido.

1.3 Orientação para o futuro

Lewin (1942) foi um dos primeiros psicólogos a compreender a relevância do futuro na vida dos indivíduos, reconhecendo que a imagem subjetiva que os mesmos criam sobre o que está por vir afeta profundamente as ações no momento presente. Através dos seus estudos, o interesse pela investigação sobre a influência do futuro na vida dos indivíduos foi ganhando destaque (Seginer, 2009). Na literatura, são vários os termos utilizados para designar a imagem que os indivíduos constroem sobre o seu futuro: *future time orientation*, *future time perspective*, *possible selves* (Seginer, 2009). O termo utilizado no presente estudo é a orientação para o futuro, que designa a imagem que os indivíduos criam sobre o próprio futuro, conscientemente pensado e auto-reportado (Seginer, 2008), em termos de expectativas, receios, objetivos e interesses (Nurmi, 1991; Trommsdorff et al., 1982). Este conceito representa uma narrativa pessoal do futuro, que se desenvolve subjetivamente no presente e que dá sentido à vida (Seginer, 2008), constituindo um ponto de partida para o estabelecimento de metas, planos, exploração e assunção de compromissos que orientam o curso do comportamento e desenvolvimento da pessoa (Bandura, 2001; Seginer & Noyman, 2005; Trommsdorff, 1986). Segundo Lewin (1942), a orientação para o futuro resulta da conjugação de

aspectos pessoais (objetivos e valores) e ambientais (e.g., aspectos culturais, socioeconómicos).

A orientação para o futuro pode ser compreendida na sua abordagem temática, em função do conteúdo presente nas narrativas individuais (Nurmi, 1987; Poole & Cooney, 1987; Trommsdorff et al., 1982). De acordo com esta abordagem (seguida no presente trabalho), os objetivos, expectativas e preocupações narradas são analisados em função de categorias ou domínios de vida (e.g., educação, carreira, família) (Nurmi, 1987; Poole & Cooney, 1987; Seginer, 2008). Para avaliar esses domínios, os investigadores têm aplicado sobretudo métodos de resposta aberta, onde os participantes são instruídos a escrever uma história prospetiva da sua vida (Seginer, 2009), ou questionários onde os indivíduos identificam as suas expectativas e os seus receios para o futuro (Nurmi, 1987). A frequência com que os indivíduos reportam determinados domínios traduz a saliência dos mesmos (i.e., número total de expectativas/receios em cada domínio). Os domínios reportados podem também ser analisados em função da sua densidade (i.e., divisão das expectativas/receios de cada domínio, pelo número total de expectativas/receios indicados no questionário) (Seginer, 2009).

Seginer, Nurmi, e Poole (1991) identificaram diferentes componentes da orientação para o futuro: motivacional, representações cognitivas, e comportamental. A primeira componente relaciona-se com os motivos que levam os indivíduos a pensar no futuro, dividindo-se em três variáveis: o valor atribuído a cada domínio de vida, a expectativa de realização dos objetivos definidos, e o controlo percebido relativamente à capacidade para os concretizar. Por seu turno, a componente das representações cognitivas engloba duas variáveis: o conteúdo e a valência. O conteúdo traduz a frequência dos diversos domínios de vida representados, e a valência indica como os indivíduos mencionam esses domínios em termos de expectativas ou receios. Por último, a componente comportamental incorpora duas variáveis: a exploração e o compromisso. A exploração está relacionada com a procura de informação e conselhos, e com a avaliação das diversas opções do futuro em função das características individuais e das circunstâncias de vida. Por outro lado, o compromisso envolve um processo de decisão, que resulta na escolha de uma opção específica e no envolvimento da sua concretização

(Seginer, 2009).

Alguns autores (Arnett, 2000; Nurmi, 1989; Nurmi, Poole, & Seginer, 1995) defendem que as expectativas sobre o futuro podem facilitar uma transição bem-sucedida para a idade adulta. Com essa propriedade, a orientação para o futuro é especialmente relevante para indivíduos que vivem tempos de transições de desenvolvimento, pessoais, ou culturais, e que por isso requerem uma preparação para o que está por vir (Seginer, 2008). A terceira década de vida é referida na literatura como o período no qual os indivíduos são confrontados com um maior número de transições (Caspi, 2002; Grob, Krings, & Bangerte, 2001). Desta forma, o estudo da orientação para o futuro torna-se particularmente importante nesta etapa. No entanto, a investigação sobre esta temática tem sido maioritariamente conduzida com adolescentes (Nurmi, 1991; Massey, Gebhardt, & Garnefski, 2008), sendo menos frequentes os estudos com adultos emergentes.

Contudo, os estudos existentes com esta população mostraram que, tal como acontece com os adolescentes (e.g., Nurmi et al., 1994), os principais interesses dos adultos emergentes prendem-se com os domínios educação, trabalho, e família (e.g., Dietrich, Shulman, & Nurmi, 2013; Nurmi & Salmela-Aro, 2002). Por exemplo, um estudo realizado na Finlândia (Ranta, Dietrich, & Salmela-Aro, 2014) verificou que as expectativas e os receios mais reportados pelos indivíduos com 20 anos pertenciam ao domínio da educação, enquanto que indivíduos com 23 anos referiam mais expectativas e receios relacionados com o domínio da carreira. Por sua vez, as expectativas e os receios que envolviam as relações românticas mantiveram-se estáveis entre os 20 e os 23 anos, bem como os receios relativos ao dinheiro e aos aspetos financeiros. Adicionalmente, um estudo longitudinal (Salmela-Aro, Aunola, & Nurmi, 2007), conduzido com 297 estudantes da Universidade de Helsínki, com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, permitiu perceber como variam as expectativas pessoais entre a etapa dos adultos emergentes e a idade adulta. Concluiu-se que, à medida que os adultos emergentes se aproximavam da idade adulta, as expectativas relacionadas com a educação, amizades, e viagens tendiam a diminuir e, em contrapartida, as expectativas relacionadas com a carreira, família, e saúde tendiam a aumentar.

1.4 Orientação para o futuro em contextos de incerteza macroeconómica

De acordo com a literatura (Nurmi, 1987; Poole & Cooney, 1987), a orientação para o futuro é influenciada pelo contexto sociocultural onde os indivíduos crescem. Nurmi (2004) refere ainda que as condições socioeconómicas influenciam a forma como os indivíduos olham para o seu futuro, causando um impacto nas suas decisões, comportamentos, e no seu processo de socialização.

Na atualidade, os adultos emergentes portugueses estão inseridos num contexto marcado por alguma incerteza macroeconómica. Na medida em que os principais processos de exploração de identidade ocorrem atualmente na adultez emergente (Arnett et al., 2014), o estudo sobre a orientação para o futuro nessa fase assume particular relevância (Fonseca et al., 2018). É nesta linha que se inscreve a presente investigação, que se foca na orientação para o futuro na adultez emergente, e no potencial impacto do *stress* económico nas expectativas e nos receios futuros dos jovens portugueses.

Até onde sabemos, a literatura sobre a temática supracitada é escassa. No entanto, a investigação sobre este tema tem sugerido que, durante períodos marcados por crises económicas, os receios em relação ao trabalho/carreira tendem a aumentar (Poole & Cooney, 1987). Um dos poucos estudos sobre o tema foi conduzido por Kolesovs (2013); com uma amostra de 530 estudantes com idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos, de quatro distritos de Riga no ano de 2010, o autor concluiu que, comparativamente a 2004, os indivíduos reportaram menos expectativas em relação ao futuro, nomeadamente nos domínios carreira e família.

No estudo de Fonseca et al. (2018), a partir de uma amostra de adultos emergentes portugueses, os autores desenvolveram e aplicaram a versão portuguesa do *Hopes and Fears Questionnaire* (HFQ; Nurmi, Seginer, & Poole, 1990), um questionário de resposta aberta que avalia o conteúdo temático e a extensão temporal da orientação para o futuro. Verificou-se que a grande maioria das expectativas e dos receios identificados estavam relacionados com o domínio do trabalho/carreira (e.g., encontrar um emprego vs. ficar desempregado). Para além disso, relativamente às expectativas, as categorias mais mencionadas estavam relacionadas com os domínios da família/casamento, educação, propriedade, lazer/viagens, recursos

financeiros, e autonomia e estabilidade. Por seu turno, no que se refere aos receios, as categorias mais mencionadas, a seguir ao trabalho/carreira, relacionavam-se com os domínios da educação, recursos financeiros, e família/casamento.

Em suma, o presente estudo foca-se na orientação para o futuro na adulez emergente, visando analisar a relação entre o *stress* económico e as expectativas e receios futuros de uma amostra de adultos emergentes portugueses. Será, assim, utilizada a versão portuguesa do *Hopes and Fears Questionnaire* (Fonseca et al., 2018), instrumento recentemente validado para o contexto português e que se mostrou uma boa ferramenta para a análise do conteúdo temático e extensão temporal da orientação para o futuro na adulez emergente.

II – Objetivos

A presente investigação tem como objetivos gerais analisar a orientação para o futuro de uma amostra de adultos emergentes portugueses, em termos do seu conteúdo temático e extensão temporal, bem como investigar a relação desta com as variáveis sociodemográficas e com o *stress* económico reportado pelos participantes. Nesta sequência, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- 1) Analisar as expectativas e os receios reportados pelos adultos emergentes da amostra, identificando quais os domínios de vida mais e menos salientes na sua orientação para o futuro;
- 2) Analisar a extensão temporal das expectativas e dos receios para cada um dos domínios de vida;
- 3) Investigar a influência de variáveis sociodemográficas – sexo, idade, estatuto ocupacional, e nível socioeconómico da família (NSE) – na densidade dos domínios de vida mais frequentemente reportados;
- 4) Investigar a relação entre o número de expectativas e de receios, e o *stress* económico reportado pelos participantes.

Com base nos estudos realizados sobre a temática, foram formuladas, para cada um dos objetivos específicos supracitados, as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Alguns estudos (Dietrich et al., 2013; Nurmi & Salmela-Aro, 2002) concluíram que os domínios associados a tarefas

desenvolvimentais integram os principais interesses dos adultos emergentes. Assim, é expectável verificar uma proeminência dos domínios educação, trabalho/carreira, e família/casamento, nas expectativas/receios reportados pelos adultos emergentes portugueses desta amostra. Além disso, espera-se também que as expectativas/receios relativos aos recursos financeiros se revelem particularmente proeminentes, indo ao encontro de estudos recentes com esta população, a nível nacional (Fonseca et al., 2018) e internacional (Ranta et al., 2014).

Hipótese 2: No que concerne à extensão temporal da orientação para o futuro, acredita-se que, à semelhança do verificado em estudos anteriores (e.g., Fonseca et al., 2018; Ranta et al., 2014), os participantes apontem concretizar primeiramente expectativas/receios relacionados com os domínios educação, trabalho/carreira, lazer/viagens, propriedade, e recursos financeiros, bem como a concretização mais tardia de expectativas/receios relacionados com o domínio família/casamento.

Hipótese 3: Ao nível da variável sexo, o estudo de Fonseca et al. (2018) mostrou que os adultos emergentes do sexo masculino mencionaram mais expectativas relacionadas com os domínios trabalho/carreira e recursos financeiros. Deste modo, espera-se que o presente estudo replique este resultado. Tendo em conta que existem tarefas de desenvolvimento associadas a determinadas idades (Nurmi, 2004), é esperado que indivíduos mais velhos refiram menos expectativas/receios relacionados com a educação, o que iria de encontro a estudos empíricos prévios (Fonseca et al., 2018; Ranta et al., 2014), bem como mais expectativas/receios relacionados com o trabalho/carreira (Ranta et al., 2014). É também expectável uma maior densidade do domínio educação nas expectativas/receios de indivíduos não empregados, e dos domínios família/casamento e propriedade nas expectativas/receios de indivíduos empregados. Esta hipótese encontra-se sustentada pelos resultados obtidos no estudo de Fonseca et al. (2018). Por fim, vários estudos realizados com a população adolescente defendem que sujeitos pertencentes a um NSE alto estabelecem mais metas relacionadas com a educação (Hill et al., 2004; Marjoribanks, 2003). Face ao referido, hipotetiza-se que indivíduos pertencentes a um NSE mais elevado apresentem um maior investimento nesse domínio comparativamente a indivíduos de NSE médio ou baixo.

Hipótese 4: Atendendo à instabilidade do atual contexto macroeconómico português, espera-se que, tal como evidenciado no estudo de Kolesovs (2013), essa influência se reflita na orientação para o futuro dos sujeitos. Deste modo, maiores níveis de *stress* económico poderão associar-se a menos expectativas/receios relacionados com os domínios trabalho/carreira e família/casamento. Adicionalmente, é esperada uma associação entre o *stress* económico e as expectativas/receios relativos aos recursos financeiros.

III – Metodologia

3.1 Caracterização da amostra

A amostra deste estudo, cujas características principais se encontram sintetizadas na Tabela 1, foi constituída por um total de 350 sujeitos, sendo 246 (70.3%) do sexo feminino. As idades dos participantes variaram entre os 18 e os 30 anos de idade, sendo a média igual a 22.4 ($DP = 2.6$) anos. No momento da realização do estudo, 233 (68.3%) dos participantes eram estudantes, dos quais 113 (49.6%) estudavam na área do Direito, Ciências Sociais e Serviços. A maioria dos sujeitos possuía o 12º ano de escolaridade ($n = 132$; 39.2%), ou já tinha concluída a licenciatura ($n = 165$; 47.6%).

Os participantes residiam predominantemente em zonas urbanas ($n = 208$; 60.8%), sobretudo na Região Centro ($n = 127$; 37.8%) e na Área Metropolitana de Lisboa ($n = 116$; 34.5%). A vasta maioria dos inquiridos eram solteiros ($n = 342$; 98.0%). A religião predominante foi a católica ($n = 226$; 65.9%), sendo que 137 (60.9%) sujeitos indicaram não praticar a religião selecionada. No que concerne ao estatuto ocupacional, a amostra é maioritariamente composta por sujeitos que não se encontram empregados ($n = 252$; 73.9%). Finalmente, a maioria dos adultos emergentes pertence a famílias que se inserem no nível socioeconómico médio ($n = 161$; 48.2%).

Tabela 1. Caracterização da amostra

Variáveis sociodemográficas	Categorias	N	%
Sexo	Feminino	246	70.3
	Masculino	104	29.7
Idade	Inferior a 25 anos	293	83.7
	Igual ou superior a 25 anos	57	16.3
Estado civil	Solteiro	342	98.0
	União de facto	2	.6
	Casado	5	1.4
Zona de residência	Urbana	208	60.8
	Moderadamente urbana	80	23.4
	Rural	54	15.8
Área de residência	Norte	41	12.2
	Centro	127	37.8
	Área Metropolitana de Lisboa	116	34.5
	Alentejo	43	12.8
	Algarve	2	.6
	Região Autónoma dos Açores	6	1.8
	Região Autónoma da Madeira	1	.3
Situação laboral	Estudante	233	68.3
	Desempregado	19	5.6
	Empregado a tempo parcial	28	8.2
	Empregado a tempo integral	61	17.9
NSE	Baixo	106	31.7
	Médio	161	48.2
	Alto	67	20.1
Nível de escolaridade concluído	4º ano	1	.3
	9º ano	11	3.2
	12º ano	132	39.2
	Licenciatura	165	47.6
	Mestrado	34	9.7
Religião	Ateu	60	17.4
	Agnóstico	41	12.0
	Católico	226	65.9
	Outra ^{a)}	16	4.7
É praticante?	Praticante	88	39.1
	Não praticante	137	60.9
Etnia	Branca/caucasiana	343	98.5
	Africana	2	.6
	Caucasiana-africana	2	.6
	Outra (Latino)	1	.3
Área de estudo	Área de Ciências	9	3.9
	Área de Tecnologias	27	11.8
	Área de Saúde	21	9.2

Áreas de Agricultura e Recursos Naturais	2	.9
Áreas de Direito, Ciências Sociais e Serviços	113	49.6
Humanidades, Secretariado e Tradução	23	10.1
Áreas de Ciências da Educação e Formação de Professores	8	3.5
Áreas de Economia, Gestão e Contabilidade	12	5.3
Educação física, Desporto e Artes do Espetáculo	5	2.2
Área de Arquitetura, Artes Plásticas e Design	8	3.5

a) Budismo; Espiritual; Evangélica; Panteísmo; Testemunha de Jeová.

3.2 Procedimentos de seleção e recolha da amostra

O presente estudo insere-se num projeto de investigação mais alargado que foca o tema da vivência das famílias portuguesas na atualidade, incluindo a adaptação das famílias às adversidades macroeconómicas. Como tal, este estudo segue o trabalho desenvolvido por uma equipa de investigação coordenada pela Professora Doutora Ana Paula Relvas, constituída por elementos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC) e da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL). Esta equipa definiu o protocolo (composto por instrumentos de autorresposta) e os procedimentos inerentes à investigação.

O processo de recolha da amostra decorreu entre janeiro de 2016 e dezembro de 2017, sendo que os questionários foram distribuídos/recolhidos por membros pertencentes à equipa de investigação mencionada, com recurso ao método bola de neve.

Este processo envolveu o preenchimento individual de questionários por diferentes membros da família: o pai/padrasto e/ou mãe/madrasta; e filhos com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade. Os questionários foram maioritariamente entregues a filhos (adultos emergentes) que ficaram encarregues de os distribuir pelo seu subsistema parental. Os protocolos entregues continham informações sobre a investigação (i.e., objetivos, duração estimada do seu preenchimento, cariz voluntário da participação,

contactos da equipa de investigação), o consentimento informado e instruções gerais de preenchimento. Posteriormente, os questionários foram devolvidos, em envelopes, aos membros da equipa de investigação responsáveis, nas datas estabelecidas para esse efeito – aproximadamente duas semanas após a sua distribuição –, nos respetivos envelopes selados que garantiram o carácter confidencial da informação. No presente estudo, foram considerados os dados dos filhos adultos emergentes destas famílias.

3.3 Instrumentos

3.3.1 Questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares

O Questionário de Dados Sociodemográficos e de Dados Complementares teve como objetivo a caracterização da amostra em estudo. Para esse efeito, o questionário incluía questões relativas a dados pessoais como o sexo, idade, estado civil, nacionalidade, área de residência, nível de escolaridade, profissão, entre outras. Adicionalmente, este questionário permitiu um levantamento de dados familiares (e.g., composição da família nuclear do respondente).

3.3.2 Questionário de Dificuldades Económicas (Conger & Elder, 1994; versão portuguesa de Francisco & Pedro, em preparação)

Este questionário, composto por oito subescalas, avalia diferentes aspetos relativos à situação financeira do respondente e da sua família. Para a presente investigação, foi utilizada a oitava subescala que avalia o *stress* económico através de cinco itens (e.g., *Sinto-me muitas vezes preocupado devido à minha má situação financeira*), face aos quais o respondente deve seleccionar o seu grau de concordância através de uma escala de *Likert* de 1 (*Discordo Totalmente*) a 5 (*Concordo Totalmente*). No presente estudo, a análise de consistência interna para a determinação do *alpha* de *Cronbach* da subescala utilizada permitiu verificar a fiabilidade da mesma ($\alpha = .812$).

3.3.3 *Hopes and Fears Questionnaire* (Nurmi et al., 1990; versão portuguesa de Fonseca et al., 2018)

Para avaliar a orientação para o futuro dos participantes, foi utilizada a versão portuguesa do *Hopes and Fears Questionnaire* (Fonseca et al., 2018). Neste questionário de resposta aberta, os respondentes devem identificar as expectativas e os receios que têm em relação ao seu futuro.

Na versão original do instrumento, as respostas são analisadas em função do conteúdo temático e codificadas de acordo com 13 categorias ou domínios de vida (cf. Nurmi et al., 1990). Na versão portuguesa do HFQ (Fonseca et al., 2018), as categorias originais foram sujeitas a algumas alterações, a saber: a eliminação da categoria serviço militar, e a introdução das categorias autonomia e estabilidade, e recursos financeiros. Assim, a versão portuguesa, aplicada neste estudo, propõe as seguintes 14 categorias: educação, trabalho/carreira, família/casamento, lazer/viagens, amigos e pares, relacionamento com a família, saúde/morte do próprio, saúde/morte de familiares, miscelâneas, propriedade, aspetos globais/coletivos, guerra/paz, autonomia e estabilidade, e recursos financeiros. Adicionalmente, era solicitado aos participantes que colocassem o ano ou a idade em que esperavam que cada uma das expectativas e dos receios se concretizassem. Este último aspeto permitiu medir a extensão temporal (i.e., até que ponto as expectativas e os receios das pessoas se estendem no futuro) (Wallace & Rabin, 1960; Nurmi, 1987; Trommsdorff et al., 1982).

Nos estudos de adaptação da versão portuguesa do HFQ, verificou-se uma percentagem de acordo interjuizes de 95.3% para as expectativas e de 94.3% para os receios. Na análise do teste-reteste, foram considerados os domínios de vida reportados por pelo menos 20% dos participantes, nomeadamente, educação, trabalho/carreira, família/casamento, lazer/viagens, propriedade, e recursos financeiros, nas expectativas, e educação, trabalho/carreira, família/casamento, e recursos financeiros, nos receios. Os coeficientes testados (entre o número de expectativas/receios numa categoria e o número de expectativas/receios indicados na mesma categoria, uma semana mais tarde), apresentaram valores positivos e estatisticamente significativos ($.391 < r < .781$). Para o presente estudo, o acordo interjuizes foi calculado para 50 casos, tal como recomendado pelos autores da escala original (Nurmi et al., 1990). Verificou-se um acordo de

94.02% para as expectativas e 96.83% para os receios.

3.4 Análise de dados

As análises estatísticas conduzidas neste estudo foram realizadas com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), na versão 23.0 para o *Windows*. Inicialmente, no que se refere aos procedimentos de caracterização da amostra, foi realizado o agrupamento dos distritos em áreas de residência, de acordo com a classificação tida nas NUTS II (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos) (i.e., Norte, Centro, Área Metropolitana de Lisboa, Algarve, Região Autónoma dos Açores, e Região Autónoma da Madeira) (INE, 2011). De forma semelhante, a área de estudos foi codificada de acordo com a designação utilizada pela Direção-Geral do Ensino Superior (DGES, n.d.). O NSE (alto, médio, baixo) foi determinado pela equipa de investigação, segundo a classificação de Simões (2000), tendo por base o nível de escolaridade e a profissão dos pais dos jovens respondentes.

Adicionalmente, foi realizada a análise do conteúdo temático das expectativas/receios indicados pelos participantes em função do domínio de vida correspondente. De seguida, foi verificado se os *missing-values* das variáveis relativas à orientação para o futuro se distribuíam de forma completamente aleatória (MCAR - *Missing Completely at Random*), através do *Little's test* MCAR (Little, 1988). Como o valor de p (.964) não foi significativo, foi possível assumir que os *missing-values* se distribuíam de forma completamente aleatória (Johnson & Young, 2011), o que permitiu a aplicação do método *Listwise* (eliminação dos casos com *missing-values*).

Posteriormente, foram analisados os coeficientes de assimetria (grau de distorção da distribuição em relação a uma distribuição simétrica) e curtose (grau de achatamento da distribuição) para o número de expectativas/receios nos diversos domínios do HFQ e para a subscala do *stress* económico. Os coeficientes de assimetria e curtose não se afastaram excessivamente dos valores considerados adequados para a assunção do pressuposto da normalidade, uma vez que se obtiveram valores de assimetria inferiores a ± 2 e valores de curtose inferiores a ± 7 (Kim, 2013).

Seguidamente, foram realizadas análises descritivas e de frequência

para a caracterização da amostra e foi calculada a saliência das categorias do HFQ, bem como a sua densidade. Para o cálculo da extensão temporal foi criada uma nova variável, que resulta da subtração da idade em que o participante visa atingir uma determinada expectativa/receio, pela idade do participante no momento de preenchimento do questionário. Nos casos em que os sujeitos assinalaram mais de uma expectativa/receio na mesma categoria, foi calculada a média das idades mencionadas nessa categoria.

Com a finalidade de averiguar a relação entre a densidade da orientação para o futuro e as variáveis sociodemográficas – sexo, idade, estatuto ocupacional, e NSE –, foram realizadas análises multivariadas da variância (MANOVA, procedimento *General Linear Model*). Importa referir que, neste caso, as análises foram realizadas para as categorias previamente analisadas no estudo de Fonseca et al. (2018). Antes da realização das MANOVAs foram realizadas análises exploratórias no sentido de testar os pressupostos da sua utilização. Foi também utilizado o teste de *Levene* para assegurar que a assunção estatística de homogeneidade da variância era cumprida.

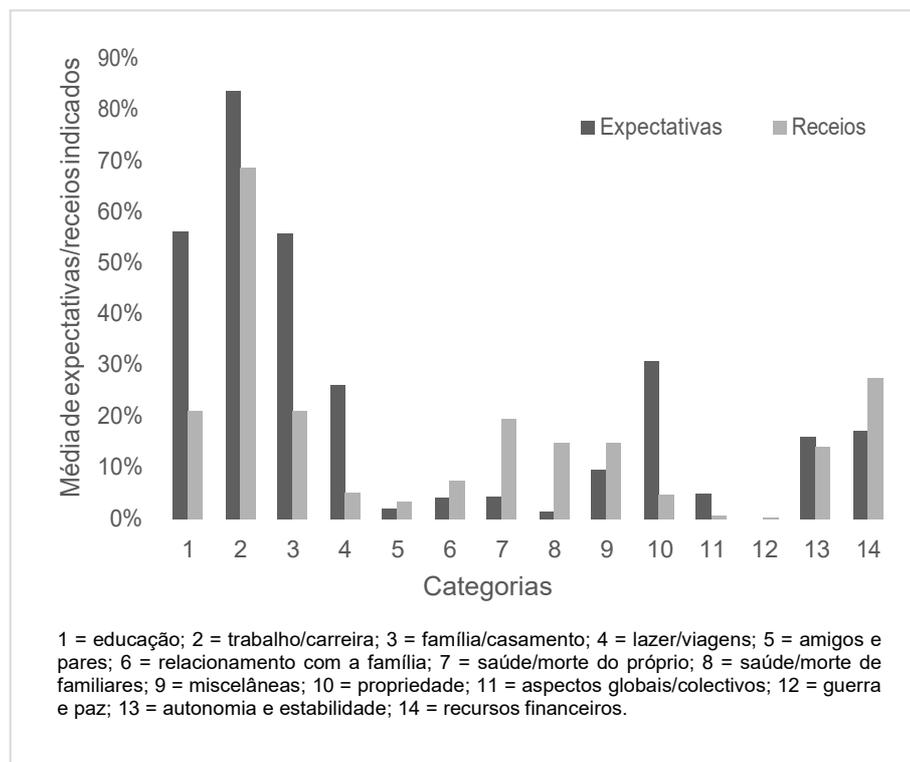
Finalmente, para testar se existia uma relação entre as expectativas/receios mencionados e as respostas na subscala do *stress* económico, foram utilizadas correlações de *Pearson* (r). Para interpretar os valores obtidos foi utilizada a convenção de Cohen (1988), que refere que um valor de $r > \pm .10$ indica uma correlação baixa; $r > \pm .30$ moderada; $r > \pm .50$ alta.

IV - Resultados

4.1 Quais são as expectativas e os receios dos adultos emergentes? Quando esperam realizá-los?

Através da visualização do gráfico 1, verifica-se que a categoria ou domínio de vida mais mencionado pelos participantes, tanto ao nível das expectativas como dos receios, foi o trabalho/carreira (e.g., ter um emprego vs. não encontrar emprego). Subsequentemente, no que se refere às expectativas, as categorias mais mencionadas foram: educação (e.g., entrar na faculdade, tirar boas notas); família/casamento (e.g., casar, ter filhos); propriedade (e.g., comprar uma casa, comprar um carro); lazer/viagens (e.g., viajar pelo mundo, praticar desporto); recursos financeiros (e.g., ter uma vida

Gráfico 1. Análise descritiva do conteúdo da orientação para o futuro



financeiramente estável, ter um bom salário); e autonomia e estabilidade (e.g., sair da casa dos meus pais, ser independente). Além disso, os participantes indicaram esperar que as expectativas relacionadas com as categorias amigos e pares ($M = 23.6$; $DP = 3.5$), relacionamento com a família ($M = 23.8$; $DP = 2.4$), e educação ($M = 23.8$; $DP = 2.7$), sejam realizadas primeiro na sua vida. Por seu turno, as expectativas relacionadas com as categorias família/casamento ($M = 28.6$; $DP = 3.1$), recursos financeiros ($M = 29.2$; $D = 7.3$), saúde/morte do próprio ($M = 34.3$; $DP = 19.8$), e saúde/morte de familiares ($M = 41.3$; $DP = 7.0$), foram perspectivadas pelos participantes mais tardiamente (Tabela 2).

No que se refere aos receios, as categorias mais mencionadas, a seguir ao trabalho/carreira, foram: educação (e.g., não entrar no mestrado que quero, não acabar o curso); família/casamento (e.g., não ter filhos, não casar); recursos financeiros (e.g., não ter dinheiro para fazer face às despesas, ter dificuldades económicas); autonomia e estabilidade (e.g., não ter uma vida estável, ser dependente dos meus pais); saúde/morte do próprio (e.g., ter uma

Tabela 2. Análises descritivas e de frequência das categorias da orientação para o futuro e da extensão temporal

	Expectativas		Receios	
	Participantes que mencionaram pelo menos uma expectativa	Idade <i>M (DP)</i>	Participantes que mencionaram pelo menos um receio	Idade <i>M (DP)</i>
Educação	56.1%	23.8 (2.7)	21.2%	23.4 (3.5)
Trabalho/carreira	83.7%	25.7 (3.9)	68.6%	25.8 (4.0)
Família/casamento	55.8%	28.6 (3.1)	21.2%	30.4 (5.2)
Lazer/viagens	26.2%	26.1 (5.5)	5.2%	30.8 (9.8)
Amigos e pares	2.0%	23.6 (3.5)	3.5%	26.0 (3.7)
Relacionamento com a família	4.1%	23.8 (2.4)	7.6%	25.8 (4.2)
Saúde/morte do próprio	4.4%	34.3 (19.8)	19.5%	36.2 (17.3)
Saúde/morte de familiares	1.5%	41.3 (7.0)	14.9%	33.0 (10.2)
Miscelâneas	9.6%	27.1 (6.4)	14.8%	32.3 (12.5)
Propriedade	30.8%	27.6 (4.2)	4.7%	29.7 (5.6)
Aspetos globais/coletivos	4.9%	27.0 (11.5)	0.6%	33.5 (9.1)
Guerra/paz	-	-	0.3%	-
Autonomia e estabilidade	16.0%	26.8 (4.2)	14.0%	30.7 (21.5)
Recursos financeiros	17.2%	29.2 (7.3)	27.6%	26.9 (4.5)

doença, morrer); e saúde/morte de familiares (e.g., morte de um familiar, um elemento da família ter problemas de saúde). Além disso, os participantes apontaram que os receios relacionados com as categorias educação ($M = 23.4$; $DP = 3.5$), trabalho/carreira ($M = 25.8$; $DP = 4.0$), e relacionamento com a família ($M = 25.8$; $DP = 4.2$) se realizem mais cedo na sua vida. Por seu turno, os receios relacionados com a saúde/morte de familiares ($M = 33.0$; $DP = 10.2$), aspetos globais/coletivos ($M = 33.5$; $DP = 9.1$), e com a saúde/morte do próprio ($M = 36.2$; $DP = 17.3$), foram os receios que os participantes indicaram esperar concretizar mais tarde na sua vida.

4.2 Influência das variáveis sexo, idade, estatuto ocupacional, e NSE na orientação para o futuro

Nas MANOVAs realizadas foram utilizadas como variáveis independentes, o sexo, a idade, o estatuto ocupacional, e o NSE dos participantes; e como variáveis dependentes, os valores da densidade dos domínios de vida para as expectativas e para os receios.

A análise do teste multivariado indicou que o efeito global para as expectativas em função da variável sexo não se revelou estatisticamente significativo, λ de *Wilks* = .975, $F(6.343) = 1.480$, $p = .184$, $\eta^2 = .025$. Do mesmo modo, a análise dos receios em função da variável sexo não apresentou diferenças significativas, λ de *Wilks* = .980, $F(4.345) = 1.805$, $p = .127$, $\eta^2 = .020$. Tal sugere que o sexo não influenciou significativamente o conteúdo da orientação para o futuro dos sujeitos desta amostra.

Como pode ser observado na Tabela 3, para a variável idade (inferior a 25 anos vs. igual ou superior a 25 anos) obtivemos um efeito global significativo nas expectativas, λ de *Wilks* = .932, $F(6.343) = 4.167$, $p < .001$, $\eta^2 = .068$, e nos receios, λ de *Wilks* = .949, $F(4.345) = 4.637$, $p = .001$, $\eta^2 = .051$. Verificou-se que indivíduos com idade inferior a 25 anos mencionaram mais expectativas/receios na categoria educação, bem como mais expectativas na categoria lazer/viagens, enquanto que indivíduos com idade igual ou superior a 25 anos mencionaram mais expectativas relacionados com as categorias propriedade, e recursos financeiros, e mais receios relacionados com as categorias família/casamento, e recursos financeiros.

À semelhança da idade, o estatuto ocupacional obteve um efeito global significativo para as expectativas, λ de *Wilks* = .927, $F(6.334) = 4.371$, $p < .001$, $\eta^2 = .073$, e para os receios, λ de *Wilks* = .948, $F(4.336) = 4.633$, $p = .001$, $\eta^2 = .052$. Neste caso, verificou-se que indivíduos não empregados mencionaram mais expectativas/receios relacionados com a educação, enquanto que indivíduos empregados mencionaram mais expectativas relacionadas com a família/casamento, propriedade, e recursos financeiros, bem como mais receios relacionados com as categorias família/casamento, e recursos financeiros.

A análise das MANOVAs para o NSE, revelou um efeito global estatisticamente significativo para as expectativas, λ de *Wilks* = .932, F

Tabela 3. Pontuações médias e desvios-padrão da densidade da orientação para o futuro em função da idade, estatuto ocupacional, e NSE

		Idade				
		Inferior a 25 anos (n = 293)	Igual ou superior a 25 anos (n = 57)	F	partial	
		M (DP)	M (DP)		n ²	
Expectativas	Educação	.23 (.25)	.12 (.23)	9.389*	.026	
	Trabalho/carreira	.30 (.21)	.29 (.23)	.043	.000	
	Família/casamento	.18 (.20)	.22 (.22)	1.591	.005	
	Lazer/viagens	.06 (.11)	.02 (.08)	5.128*	.015	
	Propriedade	.07 (.12)	.12 (.21)	6.655*	.019	
	Recursos financeiros	.03 (.08)	.06 (.13)	6.810*	.019	
Receios	Educação	.13 (.28)	.03 (.15)	6.478*	.018	
	Trabalho/carreira	.38 (.34)	.34 (.36)	.468	.001	
	Família/casamento	.06 (.14)	.12 (.24)	7.553*	.021	
	Recursos financeiros	.09 (.19)	.16 (.30)	5.629*	.016	
		Estatuto ocupacional				
		Empregados (n = 89)	Não empregados (n = 252)	F	partial	
		M (DP)	M (DP)		n ²	
Expectativas	Educação	.13 (.22)	.24 (.25)	14.692**	.042	
	Trabalho/carreira	.30 (.24)	.30 (.21)	.000	.000	
	Família/casamento	.23 (.23)	.18 (.19)	4.597*	.013	
	Lazer/viagens	.05 (.10)	.06 (.11)	.438	.001	
	Propriedade	.12 (.18)	.06 (.12)	10.252*	.029	
	Recursos financeiros	.05 (.11)	.02 (.07)	5.485*	.016	
Receios	Educação	.06 (.21)	.14 (.29)	5.843*	.017	
	Trabalho/carreira	.33 (.34)	.39 (.35)	2.036	.006	
	Família/casamento	.10 (.21)	.06 (.14)	5.231*	.015	
	Recursos financeiros	.14 (.28)	.08 (.16)	6.811*	.020	
		NSE				
		Baixo (n = 106)	Médio (n = 161)	Alto (n = 67)	F	partial
		M (DP)	M (DP)	M (DP)		n ²
Expectativas	Educação	.21 (.26)	.19 (.22)	.28 (.28)	3.473*	.021
	Trabalho/carreira	.31 (.23)	.30 (.21)	.29 (.22)	.166	.001
	Família/casamento	.21 (.21)	.18 (.20)	.18 (.20)	.588	.004
	Lazer/viagens	.06 (.11)	.05 (.10)	.08 (.12)	2.074	.012
	Propriedade	.07 (.13)	.10 (.16)	.03 (.10)	4.940*	.029
	Recursos financeiros	.04 (.09)	.03 (.08)	.02 (.07)	.534	.003
Receios	Educação	.09 (.24)	.10 (.25)	.20 (.36)	4.025*	.024
	Trabalho/carreira	.37 (.32)	.41 (.36)	.32 (.34)	1.602	.010
	Família/casamento	.11 (.20)	.05 (.13)	.07 (.15)	3.580*	.021
	Recursos financeiros	.10 (.18)	.11 (.22)	.09 (.21)	.140	.001

* $p < .050$ ** $p < .001$

(12.652) = 1.952, $p = .026$, $\eta^2 = .035$, e para os receios, λ de *Wilks* = .954, F (8.656) = 1.966, $p = .048$, $\eta^2 = .023$. Com a análise dos testes *post-hoc*, verificou-se que indivíduos pertencentes ao NSE alto mencionaram mais expectativas relacionadas com a educação comparativamente a indivíduos com um NSE médio, enquanto que indivíduos pertencentes ao NSE médio mencionaram mais expectativas relacionadas com a categoria propriedade comparativamente a indivíduos de NSE alto. No que concerne aos receios, indivíduos pertencentes ao NSE alto mencionaram mais receios relacionados com o domínio educação em comparação com indivíduos de NSE médio e baixo. Para além disso, indivíduos pertencentes ao NSE baixo mencionaram mais receios no domínio família/casamento comparativamente a indivíduos com um NSE médio.

4.3 Relação entre o *stress* económico e as expectativas e receios em relação ao futuro

De acordo com os resultados apresentados na Tabela 4, podemos verificar que a análise feita a partir do coeficiente de *Pearson*, referente à relação entre a variável *stress* económico e as expectativas mencionadas pelos sujeitos em cada domínio de vida, indicou correlações positivas e estatisticamente significativas para as categorias: relacionamento com a família e recursos financeiros. A correlação para a categoria relacionamento com a família apresentou uma magnitude baixa ($r = .137$), bem como a categoria recursos financeiros ($r = .212$).

A análise da relação entre a variável *stress* económico e o número de receios reportados em cada domínio de vida indicou correlações positivas e estatisticamente significativas para as categorias: lazer/viagens, relacionamento com a família, autonomia e estabilidade, e recursos financeiros. No entanto, as magnitudes destas correlações foram baixas: lazer/viagens ($r = .105$), relacionamento com a família ($r = .126$), autonomia e estabilidade ($r = .119$), e recursos financeiros ($r = .106$).

Tabela 4. Coeficientes de correlação de *Pearson* (*r*) entre a subscala do *stress* económico e o número de expectativas/receios nas diferentes categorias

	Expectativas	Receios
Educação	-.063	-.004
Trabalho/carreira	.073	.011
Família/casamento	.022	.052
Lazer/viagens	.060	.105*
Amigos e pares	-.009	-.010
Relacionamento com a família	.137*	.126*
Saúde/morte do próprio	-.019	.100
Saúde/morte de familiares	.012	.021
Miscelâneas	.029	.075
Propriedade	-.006	.011
Aspetos globais/coletivos	.038	.038
Guerra/paz	.	-.056
Autonomia e estabilidade	-.012	.119*
Recursos financeiros	.212**	.106*

* $p < .050$ ** $p < .001$

V – Discussão

A presente investigação teve como principais objetivos analisar a orientação para o futuro de uma amostra de adultos emergentes portugueses, em termos do seu conteúdo temático e extensão temporal, bem como investigar a relação da mesma com o *stress* económico reportado pelos participantes. Paralelamente, foi ainda analisada a relação entre as variáveis sociodemográficas – sexo, idade, estatuto ocupacional, e NSE – e a densidade dos domínios de vida. Deste modo, partindo dos objetivos e hipóteses previamente formuladas, assim como dos resultados obtidos, seguir-se-á uma reflexão sobre as principais conclusões retiradas.

5.1 Saliência dos domínios de vida nas expectativas e nos receios dos jovens portugueses

Com as análises descritivas realizadas neste estudo, foi possível constatar que a categoria mais saliente foi a do trabalho/carreira, quer nas expectativas quer nos receios. Este resultado converge com a conclusão obtida

no estudo de validação da versão portuguesa do HFQ (Fonseca et al., 2018). Para além disso, as subseqüentes categorias mais salientes (i.e., educação e família/casamento) vão ao encontro de resultados de estudos anteriores (e.g., Dietrich et al., 2013; Nurmi & Salmela-Aro, 2002), sugerindo que, além do trabalho, os principais interesses dos adultos emergentes estão relacionados com os domínios educação e família/casamento.

Importa referir que para as expectativas, as categorias propriedade, lazer/viagens, autonomia e estabilidade, e recursos financeiros, foram também referidas com frequência. O mesmo se verificou nos receios relativos aos recursos financeiros, autonomia e estabilidade, saúde/morte do próprio, e saúde/morte de familiares. Estes resultados mostram que os principais interesses e preocupações destes jovens configuram tarefas desenvolvimentais associadas à etapa na qual se inserem (e.g., finalização dos estudos, saída da casa dos pais, trabalho estável, relação estável que inclua coabitação), tese que já vem sendo discutida por Nurmi e Salmela-Aro (2002). Para além disso, os resultados alcançados – particularmente a saliência das categorias autonomia e estabilidade, e recursos financeiros – parecem refletir, tal como contemplado na revisão da literatura, os “novos” marcadores da adultez (i.e., adoção de responsabilidades, autonomia, e independência financeira) (Arnett, 2006). Assim, de um modo geral, verificou-se que as expectativas/receios dos adultos emergentes se relacionavam com os principais domínios da transição para a vida adulta (Arnett et al., 2014).

Sobre este ponto, poder-se-á acrescentar que a reduzida saliência de expectativas/receios relacionados com a categoria amigos e pares pode resultar da diminuição da importância das relações de amizade em prol do crescente interesse das relações românticas – característica que se associa a esta fase desenvolvimental (Crocetti & Meeus, 2014). Por último, importa sublinhar que a proeminência de receios relacionados com os domínios trabalho/carreira e recursos financeiros, pode constituir-se um reflexo do atual contexto socioeconómico português (e.g., mercado de trabalho instável) (Fonseca et al., 2018). Estes resultados sugerem, portanto, que as expectativas/receios mencionados pelos adultos emergentes são suscetíveis a fatores contextuais, o que reforça a importância de se considerar a influência do contexto social, cultural, e económico na análise da orientação para o futuro (Nurmi, 1987; Poole & Cooney, 1987).

5.2 Extensão temporal da orientação para o futuro

A respeito da extensão temporal, os resultados deste estudo são consistentes com investigações prévias (e.g., Salmela-Aro et al., 2007; Fonseca et al., 2018), na medida em que as expectativas/receios relacionados com os domínios relacionamento com a família, educação, e trabalho/carreira foram projetados num limite temporal mais reduzido. Como sabemos, na etapa da adultez emergente, ocorrem, por vezes, frequentes mudanças em resultado de transições associadas a este período (e.g., ida para a faculdade; saída da casa dos pais; emprego) (Arnett, 2000). Os “percursos yo-yo” (i.e., alternância entre períodos de formação, emprego e desemprego) (Pais, 2001) que têm vindo a marcar esta fase, fazem deste um período particularmente instável no qual, muitas vezes, o apoio parental em termos residenciais e financeiros é a única opção (Guerreiro & Abrantes, 2004). Assim, torna-se compreensível que, para além da educação e do trabalho/carreira, a importância dos familiares (principal fonte de suporte para estes jovens) se reflita na imagem subjetiva do seu futuro próximo (Szilvia & Sallay, 2003).

Por outro lado, as expectativas/receios relacionados com as categorias família/casamento, recursos financeiros, saúde/morte do próprio, e saúde/morte de familiares, foram projetadas num limite temporal mais extenso. De facto, tal como demonstrado no estudo de Salmela-Aro et al. (2007), à medida que os adultos emergentes se aproximam da idade adulta, as expectativas relacionadas com a educação, tendem a diminuir, e as expectativas relacionadas com a família e saúde tendem a aumentar. Particularmente, o facto de os indivíduos terem perspectivado a realização mais tardia de expectativas/receios relativos ao domínio família/casamento, reflete de algum modo a realidade demográfica atual (e.g., aumento da idade média do nascimento do primeiro filho). Deste modo, as diferenças observadas reforçam a ideia de existirem tarefas de desenvolvimento associadas a diferentes idades que são espelhadas na orientação para o futuro dos indivíduos (Nurmi, 2004; Salmela-Aro et al., 2007).

5.3 A influência das variáveis sexo, idade, estatuto ocupacional, e NSE na densidade da orientação para o futuro

A literatura tem revelado inconsistências quanto ao efeito do sexo na orientação para o futuro. Embora alguns estudos mostrem a existência de variações nas expectativas/receios dos indivíduos em função do sexo (e.g., Brougham, Zail, Mendoza, & Miller, 2009; Fonseca et al., 2018; Matud, 2004; Nurmi, Poole, & Kalakoski, 1994), outros estudos (e.g., Greene & DeBacker, 2004; Ranta et al., 2014; Nurmi & Salmela-Aro, 1997) não corroboram tal premissa.

Na presente investigação, os resultados alcançados não estão de acordo com o esperado, na medida em que contrariamente ao verificado no estudo de Fonseca et al. (2018), os homens não reportaram mais expectativas nos domínios trabalho/carreira, e recursos financeiros. Todavia, em concordância com o estudo mencionado, não se verificaram diferenças significativas nos receios dos participantes em função do sexo. Assim, conclui-se que as expectativas/receios em relação ao futuro dos participantes foram semelhantes para ambos os sexos. Entende-se, assim, que estes resultados podem ser interpretáveis à luz do atual panorama da sociedade portuguesa relativamente aos papéis sociais da mulher e do homem. Desta forma, o gradual empreendimento e esforço no alcance da igualdade de género (COM, 2006) pode, de algum modo, espelhar-se nas próprias expectativas e receios destes jovens.

Em concordância com a hipótese formulada, a variável idade exerceu uma influência na densidade da orientação para o futuro dos participantes. Estes resultados convergem com estudos anteriores (Fonseca et al., 2018; Ranta et al., 2014), na medida em que, tal como esperado, as expectativas/receios relacionados com a educação foram mencionados, principalmente, por indivíduos com idade inferior a 25 anos. Adicionalmente, verificou-se que o domínio lazer/viagens foi mencionado de forma particularmente frequente por indivíduos mais jovens. Tal evidência pode refletir a presença das características possibilidades e otimismo, e auto-centração nessas idades (Arnett, 2000). De facto, adultos emergentes mais jovens têm, geralmente, menos responsabilidades e compromissos (e.g., emprego), o que abre espaço para se centrarem neles próprios e idealizarem determinadas possibilidades de vida (e.g., praticar desporto, viajar, fazer

Erasmus).

De outro modo, indivíduos com idade igual ou superior a 25 anos mencionaram mais expectativas nos domínios propriedade, e recursos financeiros, e mais receios no domínio família/casamento. Este último aspeto parece refletir o facto da adulez emergente ser a etapa de desenvolvimento onde os principais objetivos dos indivíduos se associam com o projeto de uma família (Arnett, 2000), o que, nos dias de hoje, se tende a concretizar mais tardiamente. Para além disso, a formação de uma família torna necessário o investimento em determinadas condições de vida, o que pode justificar a maior densidade dos domínios propriedade e recursos financeiros nas expectativas de adultos emergentes mais velhos.

Importa referir que, ao contrário do evidenciado no estudo de Ranta et al. (2014), as expectativas relacionadas com o trabalho/carreira não aumentaram com a idade. Contudo, ao confrontar os resultados obtidos no presente estudo com os resultados de Fonseca et al. (2018), podemos concluir que estes são concordantes. Tal facto pode transparecer o impacto perene do trabalho/carreira ao longo da vida dos adultos emergentes (Szilvia & Sallay, 2003).

A respeito da influência do estatuto ocupacional na densidade da orientação para o futuro, os resultados alcançados vão ao encontro do estudo de Fonseca et al. (2018), confirmando-se assim a hipótese previamente formulada. A adulez emergente é referida na literatura como um momento de importante preparação para o trabalho que será realizado futuramente na vida (Arnett, 2006). Tal preparação é conseguida, em parte, através da educação. Assim sendo, os indivíduos não empregados podem estar empenhados em concluir tarefas desenvolvimentais relacionadas com o domínio educação, o que justifica a maior densidade do mesmo. Para além disso, a entrada no mercado de trabalho influencia a perceção de possibilidades futuras, pois capacita financeiramente os indivíduos para a realização de objetivos como a compra de uma casa, o casamento ou a parentalidade (Arnett, 1997). Desta forma, compreende-se a proeminência de expectativas/receios relacionados com os domínios família/casamento, recursos financeiros, e propriedade, em adultos emergentes já empregados. De um modo geral, estes resultados reforçam que as tarefas de desenvolvimento se moldam em função de situações de vida e papéis sociais (Salmela-Aro et al., 2007).

Tem sido reconhecido em algumas investigações (e.g., Cinamon, 2002) que as expectativas dos indivíduos são influenciadas pela estabilidade profissional dos seus pais. Neste sentido, o estatuto socioeconómico da família parece desempenhar um papel importante na construção de planos futuros (Wahl & Blackhurst, 2000). Alguns estudos realizados com a população adolescente sugerem, por exemplo, que indivíduos com um NSE mais alto são mais orientados para o futuro (Nurmi, 1991; Wallace & Rabbin, 1960).

No presente estudo, as diferenças expressas entre os diferentes níveis socioeconómicos estão de acordo com o esperado. Neste sentido, verificou-se que indivíduos pertencentes a um NSE mais alto mencionaram mais expectativas/receios relacionados com a educação, enquanto que indivíduos pertencentes a um NSE médio mencionaram mais expectativas na categoria propriedade, e indivíduos de NSE baixo mencionaram mais receios na categoria família/casamento. O primeiro resultado referido pode justificar-se pela maior quantidade de recursos disponíveis para os adultos emergentes provenientes de níveis socioeconómicos mais elevados, o que facilita o ingresso em percursos académicos de elevado custo. Esta conclusão é congruente com outros estudos (e.g., Hill et al., 2014; Marjoribanks, 2003), incluindo o de Bendit e Miranda (2015), realizado em tempos de crise, que mostrou que jovens pertencentes a níveis socioeconómicos altos são mais propensos para ingressar em estudos académicos, definindo trajetórias em função dos seus interesses pessoais. No que concerne ao segundo resultado, podemos concluir que este é consonante com o que vem sendo defendido por Cohen e Cohen (1996), verificando-se que indivíduos de NSE médio tendem a mencionar mais expectativas de carácter material. O último resultado pode ser explicado por um eventual reduzido suporte financeiro de famílias com NSE baixo que, naturalmente, se reflete numa menor capacidade económica dos adultos emergentes para investirem no casamento ou na parentalidade. Em suma, os resultados sugerem que o NSE é um fator que tem algum peso na imagem subjetiva dos indivíduos sobre o futuro (Carvalho, 2007).

5.4 Relação entre o *stress* económico e a orientação para o futuro

Contrariamente às conclusões do estudo de Kolesovs (2013), o *stress* socioeconómico não se encontrou associado a um menor número de expectativas/receios nos domínios trabalho/carreira e família/casamento. Tal permite pensar que a importância desses domínios – associados às transições normativas da adultez emergente – parece transcender a influência do *stress* económico nesta etapa. Todavia, constatou-se que indivíduos que apresentaram níveis mais elevados de *stress* económico reportaram mais expectativas/receios relacionados com as categorias relacionamento com a família, e recursos financeiros, bem como mais receios relacionados com os domínios lazer/viagens, e autonomia e estabilidade. Sabe-se que as condições socioeconómicas moldam a visão dos indivíduos sobre o futuro e, conseqüentemente, as suas decisões, comportamentos e processo de socialização (Nurmi, 2004). Assim sendo, um olhar mais atento sobre a realidade atual, leva-nos a pensar que a conjuntura socioeconómica dos últimos anos, caracterizada pela instabilidade, conduz a sucessivas expectativas e receios nos domínios recursos financeiros e relacionamento com a família. De facto, o contexto socioeconómico desfavorável acrescenta dificuldade à aquisição da independência financeira por parte dos jovens que, por sua vez, permanecem dependentes dos seus pais a esse nível. Esta circunstância pode conduzir a uma preocupação em relação aos familiares, nomeadamente, devido à incapacidade de os ajudar em momentos de dificuldade económica. Conseqüentemente, a dependência financeira em relação aos pais reflete-se na saída cada vez mais tardia de casa por parte dos adultos emergentes (Silveira & Wagner, 2006). Deste modo, compreende-se que os receios de indivíduos com mais *stress* económico se relacionem com o domínio autonomia e estabilidade. Finalmente, o facto de indivíduos com maiores percepções de *stress* económico terem reportado mais receios no domínio lazer/viagens pode justificar-se pela tendência, evidenciada nas últimas décadas, para se realizarem “cortes” em atividades de carácter não prioritário devido à crise económica (INE, 2017b).

5.5 Limitações e estudos futuros

É importante salientar algumas limitações do presente estudo, as mesmas que podem, concomitantemente, constituir um ponto de partida para estudos futuros. A primeira limitação prende-se com a utilização de uma amostra de conveniência. Este facto limita a representatividade da amostra, impossibilitando a generalização dos resultados deste estudo. Neste sentido, sugere-se que em futuras investigações se utilize procedimentos de amostragem mais robustos.

Outro aspeto limitativo diz respeito às características da amostra, essencialmente composta por adultos emergentes do sexo feminino, estudantes e com idade inferior a 25 anos. De facto, a maioria dos estudos com adultos emergentes apresenta esta limitação. Alguns destes incluem até exclusivamente amostras de estudantes universitários, o que limita a generalização dos resultados obtidos à maioria dos jovens nesta etapa, incluindo aqueles que não prosseguem estudos superiores – *forgotten half*. Esta é, aliás, uma das principais críticas apontadas ao corpo de estudos em torno da adultez emergente (e.g., Hendry & Kloep, 2007). De salientar que, na presente investigação, foi feito um esforço para contornar esta lacuna empírica. De facto, a amostra deste estudo não incluía apenas adultos emergentes estudantes, mas incluía também jovens já empregados e jovens entre os 18 e os 30 anos.

Contudo, a amostra deste estudo apresentou também algumas desproporções relativamente ao número de participantes em grupos específicos em análise (e.g., número de sujeitos no grupo de sujeitos com idade inferior a 25 anos, e com idade igual ou superior a 25 anos), que podem ser consideradas particularmente problemáticas no que diz respeito à realização das MANOVAs, pela comparação entre grupos desequilibrados. Assim, deve ser tido algum cuidado na interpretação destes resultados, sendo importante que estes continuem a ser explorados em estudos futuros com novas amostras mais heterogéneas de adultos emergentes portugueses.

Em termos de estudos futuros, seria também pertinente investigar as componentes motivacional e comportamental da orientação para o futuro (Seginer, Nurmi, & Poole, 1991), não abordadas nesta investigação. Desta forma, seriam recolhidas informações acerca do esforço investido pelos

adultos emergentes na concretização dos seus objetivos, além da percepção da sua capacidade de materialização. É, também, importante continuar a estudar a relação entre o *stress* económico e a orientação para o futuro dos adultos emergentes. Contudo, estudos futuros devem analisar esta relação considerando simultaneamente o impacto de outros fatores, nomeadamente os indicadores sociodemográficos investigados neste estudo.

Sendo a família um dos contextos de maior influência nesta etapa, nela se realizam importantes reflexões e decisões relativas ao futuro (Seginer, 2009). Neste sentido, seria interessante analisar até que ponto o *stress* económico dos pais se repercute nas expectativas e nos receios dos filhos adultos emergentes. Ainda neste enquadramento, seria pertinente estudar variáveis do funcionamento familiar com o intuito de perceber como se relacionam com a orientação para o futuro dos adultos emergentes.

Por último, seria interessante alargar a presente investigação a outras etapas de vida, além da adulez emergente. Tal, possibilitaria a compreensão da orientação para o futuro de outras populações específicas.

VI – Conclusão

Nos últimos anos ocorreram várias alterações sociais e económicas no contexto português, as quais podem ter repercussões na vida dos indivíduos, nomeadamente na forma como estes perspetivam o seu futuro. Tal conjuntura justifica a pertinência de investigar a orientação para o futuro dos adultos emergentes portugueses, bem como as suas interfaces com o *stress* económico, objectivos do presente estudo.

Os resultados alcançados reforçam a presença dos marcadores da adulez (e.g., finalizar os estudos, conseguir um emprego) na imagem subjetiva do futuro destes jovens (Arnett, 2000). A este nível, importa igualmente sublinhar a influência do *stress* económico na orientação para o futuro, uma vez que este demonstrou estar associado a um maior número de expectativas e receios em vários domínios de vida dos jovens portugueses. Globalmente, estes resultados podem refletir a dificuldade de, nos dias de hoje, se executarem tarefas desenvolvimentais associadas a esta etapa o que, por sua vez, pode conduzir os indivíduos para circunstâncias de vida não idealizadas (e.g., dependência económica em relação aos pais). Neste

enquadramento, o potencial impacto do atual cenário macroeconómico (e.g., elevada taxa de desemprego jovem) na imagem subjetiva do futuro, alerta para a necessidade de mudanças sociais e políticas para estes jovens (e.g., mais oportunidades profissionais). Isto torna-se ainda mais importante na medida em que tem sido apontado que a faixa etária compreendida entre os 18 e os 34 anos se revela mais vulnerável ao desenvolvimento de uma perturbação psicológica (Almeida & Xavier, 2013), o que pode ser potenciado num contexto onde os jovens se sentem mais receosos (Nancy, 2018), nomeadamente, em relação à sua situação profissional e económica futura.

De um modo geral, os resultados obtidos neste estudo sustentam a premissa da interdependência entre o contexto socioeconómico e a forma como os adultos emergentes antecipam o seu futuro. Acreditamos que o presente estudo contribuiu para uma compreensão mais profunda da orientação para o futuro na adultez emergente.

Bibliografia

- Aassve, A., Davia, M., & Mazzucco, S. (2007). Does leaving home make you poor? Evidence from 13 European countries. *European Journal of Population/Revue Européenne de Démographie*, 23, 315-338. doi:10.1007/s10680-007-9135-5
- Almeida, J. M., & Xavier, M. (2013). *Estudo epidemiológico nacional da saúde mental* (pp. 1-60). Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: Das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2, 255-267.
- Arnett, J. J. (1997). Young people's conceptions of the transition to adulthood. *Youth & Society*, 29, 3-32. doi:10.1177//0044118x97029001001

- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood - A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, *55*, 469-480. doi:10.1037//0003
- Arnett, J. J. (2001). Conceptions of the transition to adulthood: Perspectives from adolescence through midlife. *Journal of Adult Development*, *8*, 133-143.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new age of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging Adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 303-330). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J., Žukauskiene, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18-29 years: Implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, *1*(7), 569-576. doi:10.1016/S2215-0366(14)00080-7
- Bandura, A. (2001). Social cognitive theory: An agentic perspective. *Annual Review of Psychology*, *52*, 1-26.
- Bendit, R., & Miranda, A. (2015). Transitions to adulthood in contexts of economic crisis and post-recession. The case of Argentina. *Journal of Youth Studies*, *18*(2), 183-196. doi:10.1080/13676261.2014.94411
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, *30*(3), 301-313. doi:10.14417/ap.568
- Brougham, R. R., Zail, C. M., Mendonza, C. M., & Miller, J. R. (2009). Stress, sex differences, and coping strategies among college students. *Current Psychology: A Journal for Diverse Perspectives on Diverse Psychological Issues*, *28*, 85-97.
- Buchmann, M. C., & Kriesi, I. (2011). Transition to adulthood in Europe. *Annual Review of Sociology*, *37*(1), 481-503. doi:10.1146/annurev-soc-081309-150212

- Carvalho, R. G. (2007). *Perspectiva Temporal de Futuro em Contexto Educativo*. Tese de Mestrado não-publicada. Universidade Aberta, Lisboa.
- Caspi, A. (2002). Social selection, social causation, and developmental pathways: Empirical strategies for better understanding how individuals and environments are linked across the life-course. In L. Pulkkinen & A. Caspi (Eds.), *Paths to successful development: Personality in the life course* (pp. 281-301). New York: Cambridge University Press.
- Cinamon, R. (2002). Father's unemployment and career related variables of his adolescent child. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 23, 292-309.
- Cohen, J. W. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cohen, P., & Cohen, J. (1996). *Life values and adolescent mental health*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Association.
- COM (2006). Pacto europeu para a igualdade de género. Bruxelas.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Matthews, L. S., & Elder, G. H. (1999). Pathways of economic influence on adolescent adjustment. *American Journal of Community Psychology*, 27(4), 519-541. doi:10.1023/a:1022133228206
- Crocetti, E., & Meeus, W. (2014). "Family Comes First!" Relationships with family and friends in Italian emerging adults. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1463-1473. doi:10.1016/j.adolescence.2014.02.012
- Diário de Notícias (2015). Jovens portugueses só saem de casa dos pais aos 29 anos. Disponível em <https://www.dn.pt/portugal/interior/jovens-portugueses-so-saem-de-casa-dos-pais-aos-29-anos-4514963.html>
- Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2002). Will money increase subjective well-being? A literature review and guide to needed research. *Social*

Indicators Research Series the Science of Well-Being, 57, 119-154.
doi:10.1007/978-90-481-2350-6_6

Dietrich, J., Shulman, S., & Nurmi, J. E. (2013). Goal pursuit in young adulthood: The role of personality and motivation in goal appraisal trajectories across 6 years. *Journal of Research in Personality*, 47, 728-737. doi: 10.1016/j.jrp.2013.06.004

Direção-Geral do Ensino Superior (n.d.). Índice por área de estudos.

Disponível em <http://www.dges.gov.pt/guias/indarea.asp>

Eurostat (2016). Share of young adults aged 18-34 living with their parents by self-defined current economic status - EU-SILC survey. Disponível em http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=ilc_lvps09&lang=en

Facio, A., & Micocci, F. (2003). Emerging adulthood in Argentina. *New directions for Child and Adolescent Deveopment*, 100, 21-31.

Fonseca, G., Cunha, D., Crespo, C., & Relvas, A. P. (2016). Families in the context of macroeconomic crises: A systematic review. *Journal of Family Psychology*, 30(6), 687-697. doi:10.1037/fam0000230

Fonseca, G., Silva, J. T., Paixão, M. P., Cunha, D., Crespo, C., & Relvas, A. P. (2018). Emerging adults thinking about their future: Development of the Portuguese version of the Hopes and Fears Questionnaire. *Emerging Adulthood*. Advanced online publication. doi:10.1177/2167696818778136

Francisco, R., & Pedro, M. (em preparação). *Questionário de dificuldades económicas*.

Frasquilho, D., Matos, M. G., Salonna, F., Guerreiro, D., Storti, C. C., Gaspar, T., & Caldas-De-Almeida, J. M. (2016). Mental health outcomes in times of economic recession: A systematic literature review. *BMC Public Health*, 16(1). doi:10.1186/s12889-016-2720-y

- Greene, B., & Debacker, T. (2004). Gender orientations toward the future: links to motivation. *Educational Psychology Review*, *16*(2), 91-120.
- Greenleaf, A. T. (2014). Making the best of a bad situation: Career counseling young adults in the aftermath of the great recession. *Journal of Employment Counseling*, *51*(4), 158-169. doi:10.1002/j.2161-1920.2014.00049.x
- Grob, A., Krings, F., & Bangerte, A. (2001). Life markers in biographical narratives of people from three cohorts: A life span perspective in its historical context. *Human Development*, *44*, 171-190.
- Hendry, L. B., & Kloep, M. (2007). Conceptualizing emerging adulthood: Inspecting the emperor's new clothes? *Child Development Perspectives*, *1*(2), 74-79.
- Hill, N. E., Castellino, D. R., Lansford, J. E., Nowlin, P., Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (2004). Parent academic involvement as related to school behavior, achievement, and aspirations: Demographic variations across adolescence. *Child Development*, *75*, 1491–1509
- Hogan, D., & Astone, N. M. (1986). The transition to adulthood. *Annual Review of Sociology*, *12*, 109-130.
- Hornblower, M. (1997). Great Xpectations. *Time*, (pp. 58-68).
- Instituto Nacional de Estatística (2016). O Anuário Estatístico de Portugal. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=277187869&PUBLICACOESmodo=2
- Instituto Nacional de Estatística (2017a). Estimativas mensais de emprego e desemprego. *Destaque – Informação à comunicação social*, 1-8. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaque&DESTAQUESdest_boui=281091832&DESTAQUESmodo

- Instituto Nacional de Estatística (2017b). Orçamentos Familiares. *Destaque – Informação à comunicação social*, 1-14. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=281136861&DESTAQUESmodo=2
- Johnson, D. R., & Young, R. (2011). Toward best practices in analyzing data sets with missing data: Comparisons and recommendations. *Journal of Marriage and Family*, 73, 926-946. doi: 10.1111/j.1741-3737.2011.00861.x.
- Jorgensen, B. S., Jamieson, R. D., & Martin, J. F. (2010). Income, sense of community and subjective well-being: Combining economic and psychological variables. *Journal of Economic Psychology*, 31(4), 612-623. doi: 10.1016/j.joep.2010.04.002
- Jornal Sol (2016). Saúde mental dos portugueses piorou com a crise. Homens e os mais jovens são os mais afetados. Disponível em <https://sol.sapo.pt/artigo/535679/sa-de-mental-dos-portugueses-piorou-com-a-crise-homens-e-os-mais-jovens-sao-os-mais-afetados->
- Kim, H. Y. (2013). Statistical notes for clinical researchers: Assessing normal distribution using skewness and kurtosis. *Restorative Dentistry & Endodontics*, 38(1), 52-54. doi: 10.5395/rde.2013.38.1.52
- Kolesovs, A. (2013). Domain-specific and general future orientation of high school students in Latvia under socioeconomic changes. *International Journal of Psychology: A Biopsychosocial Approach*, 12, 71-83.
- Leininger, L., & Kalil, A. (2014). Economic strain and children's behavior in the aftermath of the great recession. *Journal of Marriage and Family*, 76, 998-1010. doi: 10.1111/jomf.12140
- Lewin, K. (1942). Time perspective and morale. In K. Lewin (Ed.), *Resolving social conflict* (pp. 103-124). New York, NY: Harper & Brothers Publishers.

- Little, R. J. (1988). A test of missing completely at random for multivariate data with missing values. *Journal of the American Statistical Association*, 83(404), 1198-1202. doi:10.1080/01621459.1988.10478722
- Marjoribanks, K. (2003). Learning environments, family contexts, educational aspirations and attainment: A moderation-mediation model extended. *Learning Environments Research*, 6, 247-265.
- Massey, E., Gebhardt, W., & Garnefski, N. (2008). Adolescent goal content and pursuit: A review of the literature from the past 16 years. *Developmental Review*, 28(4), 421-460. doi:10.1016/j.dr.2008.03.00
- Matud, M. (2004). Gender differences in stress and coping styles. *Personality and Individual Differences*, 37(7), 1401-1415.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transition to adulthood and emerging adulthood: Adaptation of the questionnaire of markers of adulthood among portuguese youth. *Psychologica*, (51), 147-168. doi:10.14195/1647-8606_51_10
- Nancy, J. (2016). European youth in 2016 - Special Eurobarometer of the European Parliament. *European Parliamentary Research Service*.
- Nurmi, J. E. (1987). Age, sex, social class, and quality of family interaction as determinants of adolescent's future orientation: A developmental task interpretation. *Adolescence*, 22(88), 977-991.
- Nurmi, J. E. (1989). Development of orientation to the future during early adolescence: A four-year longitudinal study and two cross-sectional comparisons. *International Journal of Psychology*, 24(1-5), 195-214. doi:10.1080/00207594.1989.10600042
- Nurmi, J. E., Seginer, R., & Poole, M. (1990). *Future-orientation questionnaire*. Helsinki, Finland: University of Helsinki.
- Nurmi, J. E. (1991). How do adolescents see their future? A review of the development of future orientation and planning. *Developmental*
Mariana Oliveira Sousa (e-mail: marianasousa2230@gmail.com) 2018

Review, 11(1), 1-59. doi:10.1016/0273-2297(91)90002-6

Nurmi, J. E., Poole, M. E., & Kalakoski, V. (1994). Age differences in adolescent future-oriented goals, concerns, and related temporal extension in different sociocultural contexts. *Journal of Youth and Adolescence*, 23(4), 471-487. doi:10.1007/bf01538040

Nurmi, J. E., Poole, M. E., & Seginer, R. (1995). Tracks and transitions-A comparison of adolescent future-oriented goals, explorations, and commitments in australia, israel, and finland. *International Journal of Psychology*, 30(3), 355-375. doi:10.1080/00207599508246575

Nurmi, J. E., & Salmela-Aro, K. (1997). Social strategies and loneliness: A prospective study. *Personality and Individual Differences*, 23, 205-215.

Nurmi, J. E., & Salmela-Aro, K. (2002). Goal construction, reconstruction and depressive symptoms in a life-span context: The transition from school to work. *Journal of Personality*, 70(3), 385-420. doi:10.1111/1467-6494.05009

Nurmi, J. E. (2004). Socialization and self-development: Channelling, selection, adjustment, and refection. In Lerner, R. M., & Steinberg, L. (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 85–124). Hoboken, NJ: Wiley.

Oinonen, E. (2004). Starting the first family: Changes in patterns of family formation and demographic trends in Finland and Spain. *European Societies*, 6(3), 319-346.

Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Lisboa: Editora Âmbar.

Poole, M. E., & Cooney, G. H. (1987). Orientations to the future: A comparison of adolescents in Australia and Singapore. *Journal of Youth Adolescence*, 16, 129-151.

Ranta, M., Dietrich, J., & Salmela-Aro, K. (2014). Career and romantic relationship goals and concerns during emerging adulthood.

Emerging Adulthood, 2, 17–26. doi:10.1177/2167696813515852

- Ribeiro, R., Frade, C., Coelho, L., & Ferreira-Valente, A. (2015). Crise económica em Portugal: Alterações nas práticas quotidianas e nas relações familiares. In I.C. Silva, M. Pignatelli, & S. M. Viegas (Coord.), *Livro de Atas do 1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa* (pp. 5155-5171). Lisboa: AICSHLP.
- Salmela-Aro, K., Aunola, K., & Nurmi, J. (2007). Personal goals during emerging adulthood. *Journal of Adolescent Research*, 22(6), 690-715. doi:10.1177/0743558407303978
- Seginer, R., Nurmi, J. E., & Poole, M. (1991). *Adolescent future orientation in cross-cultural perspectives: Research prospect*. Paper presented in the 11th meeting of Internacional Society for the Study of Behavioral Development. Minneapolis.
- Seginer, R., & Noyman, M. S. (2005). Future orientation, identity and intimacy: Their relations in emerging adulthood. *European Journal of Developmental Psychology*, 2(1), 17-37. doi:10.1080/17405620444000201
- Seginer, R. (2008). Future orientation in times of threat and challenge: How resilient adolescents construct their future. *Internacional Journal of Behavioral Medicine*, 15, 307-326. doi: 10.1177/0165025408090970
- Seginer, R. (2009). *Future orientation: Developmental and ecological Perspectives*. New York: Springer Series.
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: A permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453.
- Simões, M. M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das matrizes progressivas de Raven* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.

- Stein, C. H., Abraham, K. M., Bonar, E. E., Leith, J. E., Kraus, S. W., Hamill, A. C., & ... Fogo, W. R. (2011). Family ties in tough times: How young adults and their parents view the U.S. economic crisis. *Journal of Family Psychology, 25*(3), 449-454.
doi:10.1037/a0023697
- Szilvia, J., & Sallay, H. (2003). Parenting styles, aims, attitudes, and future orientation of adolescents and young adults. *Review of Psychology, 10*(2), 131-140.
- Trommsdorff, G., Burger, C., & Fücksle, T. (1982). Social and psychological aspects of future orientation. In M. Irle (with L. B. Katz) (Eds.), *Studies in decision making* (pp. 167-194). Berlin, New York, NY: Walter de Gruyter.
- Trommsdorff, G. (1986). Future time orientation and its relevance for development as action. In R. K. Silbereisen, K. Eyferth, & G. Rudinger (Eds.), *Development as action in context: Problem behavior and normal youth development* (pp. 121-136). Berlin, Heidelberg, New York, Tokyo: Springer-Verlag.
- Trommsdorff, G. (1994). Future time perspective and control orientation: Social conditions and consequences. In Z. Zaleski (Ed.), *Psychology of future orientation* (pp. 39-62). Lublin, Poland: Towarzystwo Naukowe KUL.
- Voydanoff, P. (1990). Economic distress and family relations: A review of the eighties. *Journal of Marriage and the Family, 52*(4), 1099.
doi:10.2307/353321
- Wahl, K. H., & Blackhurst, A. (2000). Factors affecting the occupational and educational aspirations of children and adolescents. *Professional School Counselling, 3*(5), 367-37